

**VAMOS COMER NIETZSCHE: A RECEPÇÃO DO
PENSAMENTONIETZSCHIANO NA LITERATURA
BRASILEIRA ATÉ 1940**

Antonio Vinicius Lomeu T. Barroso*

RESUMO

A partir da primeira década do século XX, o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) começou a ser apropriado por diversos grupos de intelectuais brasileiros, dentre eles, escritores simbolistas, pré-modernistas e modernistas que buscavam conferir uma nova identidade à nossa literatura através de referências alternativas àquela época. O presente artigo se dedicará a identificar escritores relacionados ao movimento simbolista, pré-modernista e modernista que se apropriaram das ideias do filósofo alemão com o objetivo de pensar a nossa realidade a partir de novas perspectivas. Nesse sentido, podemos compreender esse fenômeno de apropriação como intimamente ligado à tentativa de se pensar a questão do moderno no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche, modernismo no Brasil, história da literatura, História Intelectual, recepção de ideias.

ABSTRACT

From the first decade of the twentieth century, the German philosopher Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) began to be appropriated by different groups of Brazilian intellectuals, among them writers symbolist, modernist and pre-modernist who sought to give a new identity to our literature. This article will focus on identifying related symbolist movement, pre-modernist and modernist writers who have appropriated the ideas of the German philosopher in order to think our reality from new perspectives. In this sense, we can understand this phenomenon of appropriation as closely linked to the issue of modern Brazil.

KEYWORDS: Nietzsche, modernism in Brazil, history of literature, Intellectual History, reception ideas.

* Graduado e Mestrando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
E-mail: antoniolomeu@hotmail.com.

Introdução

A recepção do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche no Brasil, embora ainda seja pouco conhecida e estudada, sobretudo por historiadores, começou mais cedo do que se costuma imaginar¹ – já pode ser identificada na última década do século XIX, em jornais e revistas do período. No artigo *Cartas da Alemanha*, do *Jornal do Brasil* de 1892, Nietzsche é citado como um grande filósofo, incompreendido no contexto intelectual alemão da época, e como aquele responsável por modernizar a metafísica. Em 1893, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou um artigo intitulado *Néo-Cynismo*, onde Nietzsche é apresentado por Julio Erasmo como um pensador aristocrático, cínico, cujas teorias espirituosas eram deletérias e perniciosas. O artigo, que se dedicou exclusivamente a uma análise geral do pensamento nietzschiano, também o acusa de ser inautêntico em suas ideias e mero reproduzidor de pensadores gregos e modernos.

Na Revista Brasileira de 1895, Oliveira Lima afirma que Nietzsche possui teorias nebulosas cujo negativismo desconsolado e niilismo metafísico contribuem para a desarmonia entre o regime dominante, autocrático, e as aspirações liberais e sociais de uma nação pletoza de cultura. Na mesma revista, João Ribeiro destaca a importância dos elementos apolíneo e dionisíaco na tragédia grega, ao longo de seu discurso de recepção na academia brasileira publicado em 1898. Alguns outros artigos do período citam Nietzsche de maneira breve, não se dedicando a um estudo pormenorizado de suas ideias, mas, de uma forma bastante provisória e generalizada, podemos perceber que os textos que fazem comentários sobre o pensamento nietzschiano, nos jornais e revistas citados, indicam uma leitura superficial e ambígua, tendo como principal objetivo a apresentação geral e introdutória das ideias do filósofo alemão.

No Brasil, o impacto das obras de Nietzsche ainda é praticamente desconhecido pela historiografia brasileira. Pode-se afirmar que as primeiras leituras, em linhas gerais, começam a ser percebidas a partir da última década do século XIX em artigos introdutórios e breves em jornais e revistas, sobretudo no eixo Rio-São Paulo. Durante a

¹ A maioria dos estudos aponta o início das primeiras leituras na primeira década do século XX.

primeira década do século XX, Nietzsche é lido por anarquistas que destacam um forte teor político em suas obras. Na década de 1920 há uma importante leitura feita pelos modernistas e católicos. Posteriormente, os intelectuais do integralismo fazem uma apropriação ideológica de caráter nacionalista e, ao longo do século, vai inspirar movimentos estéticos como a tropicália. A partir da década de 80 e 90, o filósofo começará a ser objeto de estudo da academia e hoje aparece como tema de um grande número de dissertações e teses defendidas nas universidades do país além de estar presente em revistas de grande público e citações em filmes. O presente artigo, no entanto, se dedicará a analisar, brevemente, somente a apropriação do filósofo alemão em alguns autores de nossa literatura até a década de 1940, momento em que houve uma leitura bastante fecunda de Nietzsche e no qual suas ideias eram invocadas como instrumentos para se pensar a nossa realidade. Tal recorte cronológico foi escolhido, pois visa abranger um dos primeiros grupos de intelectuais no qual as ideias nietzschianas tiveram grande repercussão, a saber, os simbolistas, pré-modernistas e modernistas. Além disso, esse período chama atenção devido a forma de recepção bastante *suis generis* dos conceitos formulados por Nietzsche para se pensar a conjuntura nacional, de uma forma bem diversa da recepção atual, extremamente comentarista e interpretativa. Durante o período destacado, podemos notar uma recepção ativa e apropriação criativa do filósofo. Interessa-nos aqui, portanto, compreender por que e como esse “abrasileiramento”² das ideias do filósofo alemão ocorreu e de que forma essa importação de ideias está intimamente relacionada à tentativa de se pensar a questão do “moderno” no país. O nosso objetivo não consiste em fazer um julgamento, ou seja, se houve uma má compreensão ou até mesmo uma incompreensão dessas ideias, senão em pensar o consumo cultural ou intelectual como uma produção de representações que nunca são idênticas às do autor ou artista.

O Século XX, a difusão de Nietzsche e sua assimilação na literatura nacional

² É importante ressaltar que não entendemos esse “abrasileiramento” das ideias como uma forma única e homogênea de leitura e apropriação de Nietzsche feita pelos intelectuais brasileiros. De forma alguma este termo está imbuído de um nacionalismo uniformizador, pelo contrário, o “abrasileiramento” quer fazer referência à própria diversidade e criatividade derivada do caráter deveras heterogêneo de nossa cultura e do nosso contexto intelectual bastante eclético.

Essa recepção, ainda tímida no século XIX, ganhou grande proporção já na primeira década do século posterior. Em um artigo do *Correio da Manhã* de 1903, José Veríssimo faz uma divulgação introdutória sobre o pensamento nietzschiano e, posteriormente, João Ribeiro e Araripe Júnior, publicam uma série de estudos sobre o filósofo no Almanaque Garnier, em 1904. Veríssimo publicou também, em 1907, dois ensaios introdutórios: “Um ideal de cultura: Sobre uma página de Nietzsche” onde o jornalista brasileiro comenta uma tradução francesa das *Considerações Inatuais* publicada pela *Mercure de France* em 1907 e “Retórica de Nietzsche” no qual quatro obras em torno do filósofo alemão são comentadas – *Em Lisant Nietzsche* de Émile Faguet, *Pages Choises de Frédrich Nietzsche* de Henri Albert, *Friedrich Nietzsche* de Henri Lichtenberger e *Friedrich Nietzsche* de Eugéne de Roberty.

É interessante chamar atenção para a leitura que Veríssimo fez de Nietzsche através de seus comentadores franceses e de uma obra do filósofo traduzida para o francês, pois isso revela a forte característica francófila entre os intelectuais brasileiros. Podemos notar, portanto, que houve uma recepção indireta das obras do filósofo nesse primeiro momento, através de traduções e comentadores franceses. Esses primeiros textos introdutórios do pensamento do filósofo possuem um importante caráter de divulgação e apresentação da obra nietzschiana na medida em que Veríssimo possuía uma função fundamental entre os intelectuais do Rio de Janeiro naquele momento, sobretudo por ter desempenhado um papel relevante na criação da Academia Brasileira de Letras, sendo o fundador da cadeira número dezoito³. O jornalista escreveu artigos em jornais de grande circulação no Rio de Janeiro como o *Jornal do Comércio*, o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, nas revistas *Kosmos*, *Renascença* e *Revista Brasileira*, divulgando o pensamento não só de Nietzsche, mas de estrangeiros que consideravam importantes para a renovação da cultura nacional. Portanto, seu interesse acerca do filósofo ocorreu muito mais na tentativa de apreensão da noção de cultura nietzschiana. Em seu artigo de 1907 intitulado *Que é Literatura?*, Veríssimo afirma:

Já se tem dito, mas cumpre repetir: Nietzsche é principalmente, primariamente, e talvez somente um artista, isto é, um homem cujo cérebro

³ É importante destacar que a fundação da Academia Brasileira de Letras seguia claramente os moldes da Academia Francesa e sua criação pode também ser vista como parte do projeto de modernização e civilização pelo qual o país passava na Primeira República.

todas as impressões do mundo exterior, ou todas as intuições de sua inteligência, todas as suas emoções ou sensações se apresentam e representam como emoções ou sensações estéticas. De uma estesia particular, pessoal como tudo é nele, fora talvez da realidade objetiva, mas de uma singular força e beleza. Esta ideia – talvez imprecisa e indefinida para os mesmos que se presumem de nietzschianos – a tirou dele da sua concepção, insensata perante a maior exigência da civilização grega das origens da tragédia helênica. Sabe-se como fantasiou uma vida, uma sociedade, uma cultura grega com bem pouca realidade na história. Como quer que seja, dessa criação de sua imaginativa formou um conceito de cultura que quisera aplicar a todas as nossas manifestações vitais; seria ela como resíduo sublimado, a expressão última e sobreexcelente de todos os nossos progressos na ordem espiritual e ainda na ordem social e moral (1907, 363).

Podemos perceber o interesse do autor brasileiro acerca da noção de cultura de Nietzsche, reverenciando a capacidade imaginativa de quem era definido mais como artista do que filósofo.

Outro autor importante no esforço de empreender um trabalho de introdução e divulgação das obras de autores estrangeiros, e que talvez ainda seja pouco reconhecido, foi Nestor Victor. Em uma abordagem simbolista, Nestor Vítor discutiu temas fundamentais dentro da nossa literatura, dentre elas a tensão entre cosmopolitismo e nacionalismo, o desejo da assimilação de diferenças e por outro lado a reticência às invasões culturais estrangeiras, entre outros assuntos que aparecerão, posteriormente, em outros escritores modernistas mais prestigiados. Sua apropriação de Nietzsche apareceu em *O Elogio do Amigo*, obra que além de citar o filósofo alemão, menciona outros pensadores de maneira bastante eclética. Todavia, o que parece ser mais importante entre os textos do escritor brasileiro são suas obras de crítica literária, nas quais, assim como Veríssimo, se dedicou a análises pioneiras sobre diversos autores estrangeiros pouco conhecidos até então pelos literários brasileiros. Ainda em 1900, Nestor Victor produziu textos críticos sobre as obras de Ibsen, Balzac, Novalis, Emerson e Nietzsche, textos que foram reunidos e publicados mais tarde sob o título de *Obras Críticas*. A leitura do pensamento nietzschiano por parte de Nestor Victor se deu, sobretudo, através da apropriação do conceito de *Super-Homem*. De acordo com Allan Valenza da Silveira:

A referência a Nietzsche, no artigo sobre H. G. Wells, sobre a noção de Super-Homem, é usada como constatação de que há algo errado no mundo. O predomínio da técnica, tal qual é apontada por Wells em seus textos, caminha para a superação moral do homem, não mais definido enquanto ser – pleno na

sua individualidade –, mas como componente de um organismo (há aqui uma crítica à postura organicista sobre a sociedade). Apesar de o Super-Homem nietzschiano ser isolado do contexto, sabe-se que muitos textos de Nietzsche que circulavam nesse momento eram recortados e editados, fazendo com que se justificasse, por exemplo, a supremacia da racionalidade do Estado sobre o pensamento particular (...). É, possivelmente, sob essa ótica nietzschiana recortada que Nestor Vítor trata o conceito de Super-Homem. Essa luta contra a racionalidade, contra a valorização do senso-comum e das ideias generalizadas, em oposição de sua defesa dos posicionamentos particulares e individualizados fazem que o crítico preveja a existência humana passando por um de seus momentos mais difíceis (SILVEIRA, 2010).

Esse desconhecimento da importância do trabalho intelectual de Nestor Victor pode ser atribuído à lacuna que o Simbolismo acabou se tornando dentro da nossa literatura (LINS, 1996). Segundo Vera Lins, pouco se lê sobre esses autores que escreveram entre 1890 e 1920, e um dos poucos a ser lembrados é Cruz e Souza. Segundo Lins, para esses escritores simbolistas, “a razão é insuficiente, assim como os sistemas explicativos que o mundo ocidental construiu. Nisso estão mais próximos das nossas questões hoje, já em plena pós-modernidade” (LINS, 1996).

Na obra “Canaã”, publicada em 1902, Graça Aranha recorre ao irracionalismo de Nietzsche para preencher de conteúdo a fala de seus personagens (SILVA, 2008, CONSENTINO, 2003). Mais tarde, em sua obra *Estética da Vida* de 1921, Graça Aranha busca reelaborar a questão de uma proposta estética brasileira através da filosofia e da própria arte. A teorização de uma estética mais ajustada às necessidades da vida moderna foi um dos grandes temas abordados por Graça Aranha em sua obra. Sua participação na formulação das primeiras propostas do movimento modernista ficou evidente ao pronunciar o texto *A Emoção Estética na Arte Moderna*, defendendo uma arte, uma poesia e uma música novas, com algo do “Espírito Novo”. Essa estetização da vida percorrida por Graça Aranha é um tema central trabalhado por Nietzsche, sobretudo, em *O Nascimento da Tragédia*. Graça Aranha confessa a leitura de Nietzsche através de um comentador dinamarquês em uma de suas cartas de amor escritas durante o período que viveu na Europa. A hipótese da leitura das obras de Nietzsche por Graça Aranha se torna mais consistente em função de cartas trocadas entre ele e Veríssimo, onde se verifica uma relação intelectual bastante próxima entre os dois⁴.

⁴Carta a José Veríssimo, 1902 Disponível em http://143.107.31.231/Acervo_Imagens/Revista/REV002/Media/REV02-20.pdf

Outro autor bastante ilustre da nossa literatura, Lima Barreto, estabeleceu um diálogo bastante próximo com as ideias nietzschianas, principalmente no que se referem à dúvida sobre a racionalidade humana, às regras da moral e religião, e aos limites do ser humano. Essa leitura fica explícita tanto em anotações pessoais em seus diários, como em citações diretas ao filósofo em alguns de seus escritos. No *Diário Íntimo*, obra publicada após sua morte pelo biógrafo Assis Barbosa, pode-se perceber algumas anotações, em francês, de trechos do *Assim Falava Zaratustra*, *Nascimento da Tragédia e Anticristo*. Na crônica *Minha Cela*, Lima Barreto apresenta as ideias de Nietzsche como contraponto moderno às ideias anarquistas e maximalistas de seu tempo, além de combater o uso incorreto e as interpretações equivocadas do seu pensamento e de seus conceitos como o *Super-Homem*, por exemplo. De acordo com Carmem Lúcia de Figueiredo:

(...) sem apupos ou aplausos, Lima Barreto realiza um diálogo tenso e crítico com o autor de *Assim falava Zaratustra*. A composição de personagens, a demonstração de domínio das categorias importantes do pensamento, as citações de obras significativas e o registro de detalhada cronologia de sua publicação evidenciam a interlocução com Nietzsche (FIGUEIREDO, 2004).

Lima Barreto em sua crítica à modernidade com suas pretensões científicas, técnicas e racionais, se aproxima bastante do filósofo alemão, principalmente no que tange a dúvida sobre os benefícios do progresso, tema bastante discutido na recém-inaugurada República brasileira.

No entanto, talvez tenha sido Monteiro Lobato o primeiro autor que expressou maior entusiasmo diante do pensamento nietzschiano. Isso talvez não esteja em evidência de maneira clara em suas obras, mas muitas de suas cartas revelam uma grande admiração e interesse intelectual pelo alemão. Em carta a Godofredo Rangel no ano de 1904, Lobato afirma: “Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna e o que vai exercer maior influência. Nietzsche é o nosso primeiro ponto de referência”. Além disso, o filósofo era visto por Lobato como um modelo alternativo à tradição intelectual francesa que se impunha como predominante no Brasil, como o próprio Lobato afirma em carta a Godofredo Rangel afirma que Nietzsche possuía:

“um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades”, ressaltando que “para bem entendê-lo, temos que nos ambientar nessa linguagem nova (...) E que estilo, Rangel! Aprendi com ele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo do cabrito, que pula em vez de caminhar. Chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta” (LOBATO, 1948).

São inúmeras as cartas que comentam a obra de Nietzsche, nos quais Lobato reproduz trechos e até faz uma recomendação de sua leitura. Em uma carta enviada ao seu amigo Albino Camargo, em 1905, ainda com 23 anos, Lobato afirma:

Nietzsche para mim é o caos onde fervilham as moneras da idade nova, o que historicamente virá suceder à idade judeu-cristã, e um caos não é suscetível de caber num molde antigo, de ser estudado com aparelhos antigos, visto e compreendido com olhos e cérebros antigos (...) Nietzsche estonteia e me embriaga, mormente agora que começo a vislumbrá-lo (1959, t. 1, p. 78-79).

Ainda na mesma carta, Lobato afirma que está trabalhando na tradução de seus escritos e que pretende escrever algum dia um estudo sobre Nietzsche (LOBATO, 1959). De acordo com Gláucia Bastos, o autor chega a concluir a tradução de *O Anticristo* e o *Crepúsculo dos Ídolos*, no entanto não publica tais traduções (BASTOS, 2007).

Como vimos, Monteiro Lobato mantinha um intenso diálogo através de cartas com outros escritores de sua época e um deles foi Oswald de Andrade. Em carta a Lobato, o escritor afirma:

Mas em torno de você entrou a subir a atordoada mecânica de trilos e buzinas da cidade moderna, começou o cinema a passar, a pisca-pisca o anúncio luminoso, o rádio a esgoelar reencontros e gols. E a meninada pouco a pouco se distraiu. Um foi ver os Esquadrões da madrugada. Outro o Império submarino (...). E o super-homem de Nietzsche, não pôde com o super-homem do gibi (COSTA, 2008).

O conceito de antropofagia presente na obra de Oswald de Andrade é apontado, por muitos críticos literários, como de grande inspiração no pensamento nietzschiano⁵. Oswald de Andrade encontra na antropofagia uma saída para os problemas da modernidade, na qual a cultura do ocidente se impõe de maneira inexorável, sobretudo através do avanço do capitalismo, às culturas chamadas tradicionais. O processo antropofágico oswaldiano consistiria, grosso modo, na apropriação inventiva, original e ativa de elementos da cultura estrangeira por parte dos intelectuais, artistas e literários brasileiros. Ivan Maia de Mello, em um breve artigo, caracteriza a antropofagia apresentada por Oswald de Andrade no Manifesto Antropofágico, desenvolvida mais tarde como uma concepção filosófica, como filosofia trágica nietzschiana. Citando uma passagem de Benedito Nunes, Maia afirma que “a atitude antropofágica, firmada no Manifesto de 1928, sofreu em *A Crise da Filosofia Messiânica*, uma forte influência do esteticismo nietzschiano”. A presença de Nietzsche, além de estar nas citações explícitas e implícitas no Manifesto, está em todo projeto filosófico contido no pensamento da antropofagia Oswald. De acordo com Maria Cristina Ferraz, que traça um diálogo entre o Manifesto Antropofágico e a *Genealogia da Moral*, a sentença que expressa o símbolo antropofágico está contida no “Tupi or not Tupi” apropriação do questionamento existencial “To be or not To be”, de Shakespeare.

Entre os poetas brasileiros desse período, podemos destacar a presença de Nietzsche tanto em Manuel Bandeira como em Augusto dos Anjos. O primeiro publicou em 1936, um poema intitulado *Nietzschiana* em sua obra *Estrela da Manhã*:

Meu pai, ah que me esmaga a sensação do nada!
 — Já sei, minha filha... É atavismo.
 E ela reluzia com as mil cintilações do Êxito intacto (BANDEIRA, 1974).

Nesse poema, Bandeira apresenta uma visão aparentemente positiva do niilismo, tema que em outros autores da época era visto de uma forma mais pessimista. Também com um teor bastante niilista, em um poema intitulado *Sonet* publicado em 1905 no *Jornal do Comércio* de Recife, Augusto dos Anjos escreve:

⁵ Com efeito, Oswald de Andrade é o escritor do modernismo mais estudado em suas aproximações com o pensamento nietzschiano, mesmo que de forma tangencial.

(A Frederico Nietzsche)

Para que nesta vida o espírito esfalaste
Em vãs meditações, homem meditabundo?!
– Escalpelaste todo o cadáver do mundo
E, por fim, nada achaste... e, por fim, nada achaste!...

A loucura destruiu tudo o que arquitetaste
E a Alemanha tremeu ao teu gemido fundo!...
De que te serviu, pois, estudares profundo,
O homem e a lesma e a rocha e a pedra e o carvalho e a haste?

Pois, para penetrar o mistério das lousas,
Foi-te mister sondar a substância das cousas
– Construístes de ilusões um mundo diferente,

Desconheceste Deus no vidro do astrolábio
E quando a Ciência vã te proclamava sábio,
A tua construção quebrou-se de repente! (ANJOS, Augusto dos. 1905).

Nesse poema, Augusto dos Anjos faz uma homenagem crítica ao filósofo alemão, mencionando a enfermidade mental adquirida por Nietzsche no final de sua vida que acabou por destruir seu projeto filosófico. Mesmo assim, há uma série de elogios que destacam e valorizam o teor revolucionário e niilista de seu pensamento.

Considerações finais

O intuito principal do presente artigo foi demonstrar como as ideias de Nietzsche serviram de inspiração a muitos autores de nossa literatura durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX⁶, momento em que houve uma leitura bastante fecunda na qual suas ideias eram buscadas como ferramentas que inspirassem diferentes perspectivas para conferir uma autenticidade ao nosso pensamento e, ao mesmo tempo, se pensar a conjuntura nacional.⁷ Através dessa demonstração,

⁶ Novamente é importante ressaltar que esse recorte visou abranger os escritores modernistas ou pelo menos ligados ao movimento que, em linhas gerais, sofreram uma recepção do pensamento nietzschiano de uma forma menos domesticada, ou seja, menos passiva e dedicada a comentários do que os intelectuais de hoje.

⁷ Para Nicolao Sevcenko nesse período o papel de uma literatura voltada para a ação política e de denúncia dos problemas ocasionados pela nova ordem republicana.

percebemos que o interesse pelo seu pensamento ocorreu no sentido de tentar modernizar o nosso pensamento, na medida em que o filósofo era visto, pela maioria de seus receptores, como alguém que traria consigo um ponto de partida para se realizar novas reflexões e acessar diferentes alternativas aos modelos intelectuais predominantes, sobretudo os franceses hegemônicos, principalmente no que se refere ao estilo.

De acordo com a historiadora Ângela de Castro Gomes é importante ressaltar, em linhas gerais, que se configura, nesse momento entre os intelectuais brasileiros, um marcante ecletismo e autodidatismo. Em um momento onde ainda não havia se institucionalizado as leituras acadêmicas, prevalecendo o instinto autodidata, o pensamento nietzschiano vai ser apropriado de forma ativa, inventiva, e, sobretudo, livre por esses intelectuais ávidos por dar respostas aos fenômenos que viam à sua frente e ansiosos por construir uma nova identidade à literatura nacional. O fato de Nietzsche ser lido intensamente pelos modernistas não foi por acaso. Como o próprio Oswald de Andrade sugeriu em seu *Manifesto Antropofágico*, o alemão foi “devorado” pelos brasileiros.

Referências bibliográficas

ALVES FILHO, Aluizio. *Nietzsche e Lobato. In: As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato.* No anexo Nietzsche & Lobato, 1ª Ed, 2003, Ed. Inverta-Rio de Janeiro.

ANJOS, Augusto dos. *Soneto a Frederico Nietzsche*, In: *Jornal do Comércio*, Recife, 1905.

ARANHA, Graça. *Cartas de Amor*, Rio de Janeiro, Domínio Público, 1935.

BANDEIRA, Manuel. *Nietzschiana*. In: *Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974. p. 240.

BASTOS, Gláucia. *Monteiro Lobato: A Máquina em Andamento*, Matruga, Rio de Janeiro, v.14, n.21, jul./dez. 2007.

COSTA, Tiago. *O pensamento de Oswald de Andrade na contemporaneidade*, Sexto Congresso Nacional de História da Mídia, UFRGS, 2008.

ERASMO, Julio. *Néo-Cynismo*, Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1893, nº 139, pg. 1.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Nietzsche, o bufão dos deuses*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1994.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia. *Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche*, Alea, volume 6, número, 1 janeiro – junho 2004 p. 159-173.

GOMES, Angela Maria de Castro. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa*, Luso-Brazilian, Review, Volume 41, Number 1, 2004, pp. 80-106 (Article).

LIMA, Oliveira. *O Romance Francês em 1895*, Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 1895.
LINS, Vera Lúcia. In: DUQUE, Gonzaga, Horto de mágoas: contos estudo introdutório Vera Lins; 2. ed. - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. 2 t. (Obras completas Vols. 16 e 17).

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*, Volumes III, IV e V, Editora Cultrix, EDUSP, 1977-1978.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

SCHIMPER, W. *Cartas da Alemanha*, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de outubro 1892, nº 288.

VERÍSSIMO, José. *Que é Literatura? E outros Escritos*, Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro Editor, 1907, p, 363.

VÍTOR, Nestor. *Cartas de Paris*. In: _____. *Obra Crítica de Nestor Vítor. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979.

Recebido em 19 de Outubro 2013/

Aprovado em 15 de Dezembro 2013.